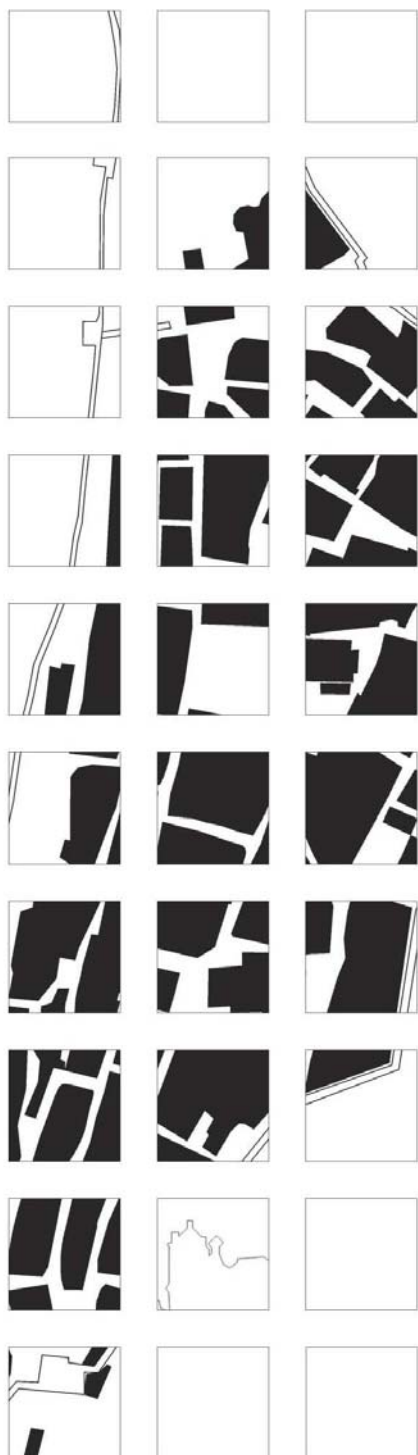


4 Análise urbana de Óbidos



4.1 Localização - Óbidos



Figura 54 - Localização Óbidos;
Fonte: Turismo de Óbidos [folheto],
2008

A Vila de Óbidos, integrada no distrito de Leiria, com uma população na ordem dos 3100 habitantes. A área de estudo, caracteriza-se por um aglomerado urbano de características medievais, que actualmente são um pólo atractivo de visitantes à vila.

O percurso que seleccionamos para estudar os elementos formais e informais do espaço urbano, configura-se nas via mais marcante do aglomerado urbano. Via essa que já de tempos antigos, como vamos ter oportunidade de ver adiante no capítulo do desenvolvimento urbano, caracterizava-se como a de principal

circulação. Estamos a referir-nos à Rua Direita, que nos conduz desde a entrada da vila, pelas portas da vila, até ao castelo. A área estudada é limitada nos seus extremos por dois largos e a meio pelo largo do adro da Igreja de Santa Maria, igreja matriz, o mais importante templo da vila. Ao nível arquitectónico, este também será o percurso que contém a maior gramática compositiva ao nível de fachadas.

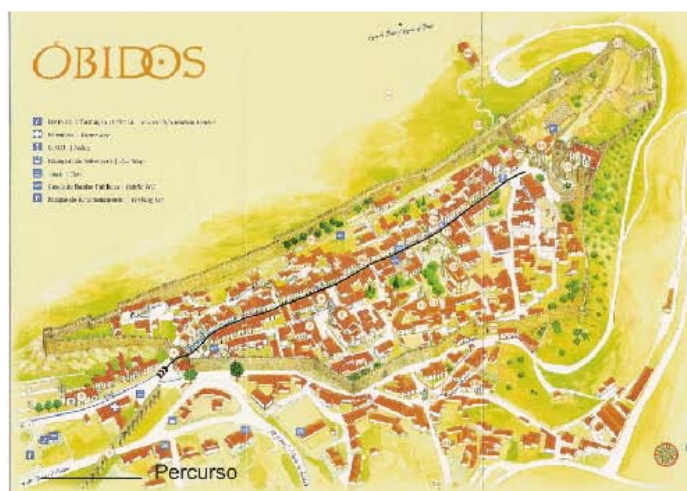


Figura 55 - Mapa ilustrado de Óbidos. Fonte: Turismo de Óbidos [folheto], 2008

4.2 Estudo dos Fenómenos de Crescimento

“Mas com o tempo a cidade cresce sobre si mesma; adquire consciência e memória de si mesma...” (Rossi, 2001, p 31)

Neste capítulo vamos estudar a evolução morfológica da vila de Óbidos. Baseamo-nos sobretudo em documentação de carácter histórico, e as plantas possíveis, que segundo as fontes analisadas julgamos estarem próximas à realidade. É nosso objectivo compreender o crescimento da vila de Óbidos perante os fenómenos de extensão e densificação.

Não sendo pretensão esgotar o assunto neste trabalho, abordaremos ainda pólos, linhas de crescimento, barreiras, vias, etc. Pensamos que esta metodologia de análise será útil uma vez que:

“...permite uma apreensão global do aglomerado, uma perspectiva dinâmica, sequência de estabilidades precárias baseadas na coesão interna da vila, às quais se sucedem períodos de ruptura e períodos de desenvolvimento, sendo o estado actual apenas um momento dessa evolução” (Conceição, 1994, p 5)
“Ao revelar-nos os pontos fixos das transformações anteriores, permite uma compreensão da estrutura urbana, do seu funcionamento, que pode servir de base a intervenções futuras”. (Conceição, 1994, p 5)

4.2.1 A Evolução da Vila de Óbidos

“Esta persistência e permanência é dada pelo valor construtivo, pela História e pela arte, pelo ser e pela memória” (Rossi, 2001, p 77)

Actualmente quando olhamos para Óbidos do lado poente, o que se destaca ao nosso olhar são as muralhas, pontuadas por três torres.

As muralhas a permitir um contacto com o exterior apresentam 3 aberturas (2 portas 3 e 1 postigo). Fora de muros e a uma cota mais baixa encontramos as ruínas de uma antiga igreja.

Do lado oposto da encosta (na encosta leste) a irregularidade do terreno, fez com que as muralhas apresentem uma silhueta irregular, motivo pelo qual as construções de intramuros selam visíveis do exterior da vila.

A configuração da muralha é próxima a um triângulo isósceles. A poente encontramos o maior lado da muralha, que remata com a torre do facho.

Segundo estudos sobre a Vila Óbidos, e levando em análise a área de aproximada de 14,5 ha, somos levados a concluir que a muralha estaria sobredimensionada para o número de habitantes da vila.

No entanto Óbidos foi alterando a sua configuração ao longo dos tempos, com especial incidência na baixa idade média. O seu crescimento do séc. XVI, quer em população quer em superfície não foi significativo. Este abrandamento na Vila de Óbidos, apontam a maioria dos autores, deveu-se ao forte desenvolvimento de Caldas da Rainha, embora fundada nos finais dos anos quatrocentos, agilmente se transformou no principal centro da região.

Nas páginas seguintes tentaremos analisar a evolução espacial urbana de Óbidos compreendida entre o período da reconquista até aos nossos dias.

4.2.2 As Origens - Óbidos antes do Século XII

É difícil determinar com exactidão a data em que um aglomerado populacional se forma. Este conhecimento passa a ser mais rigoroso quando é resultado de uma planificação, consequência de uma vontade expressa de alguém com poder para tal. No caso de Óbidos não foi o que aconteceu e conseguir identificar a afluência de pessoas com a intenção de se fixarem em determinado local, é um assunto controverso. Poderá a arqueologia dar um contributo neste sentido, no entanto o rigor da certeza, da exactidão nunca será pleno.

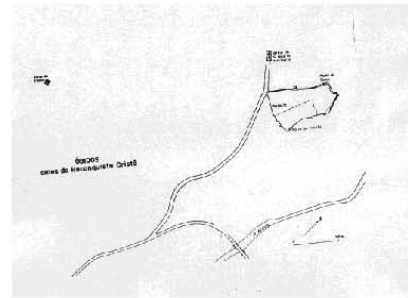


Figura 56 - Provável planta de Óbidos antes do séc XII,
Fonte:

A data da fundação de Óbidos é difícil de estabelecer consequência da sua localização geoestratégica pensamos ser possível onde se apresentam as muralhas actualmente tenha sido ocupado destes tempos bem antigos. Isto confrontando com casos de semelhante situação em localizações diferentes.

No entanto os vestígios de civilizações Pré-Históricas, da época calcolítica e da idade dos metais encontram-se com maior quantidade nas localidades próxima de São Mamede e Columbeira e com forte presença no Outeiro da Assenta.

Distante das grandes vias romanas que atravessam a Lusitânia, é referido *EBUROBRITTIUM* que se identifica com Amoreira de Óbidos, pequeno povoado do termo desta vila irrelevante durante a idade média. A existência de alguns indícios, conduzem-nos a pensar que naquela localidade possa ter existido um Castro luso-romano.

Antes de avançar para o estudo da evolução vamos primeiro dedicar esta parte inicial da análise a toponímia de Óbidos.

São diversas as teorias que se apresentam para o Étimo de Óbidos, no entanto a que nos parece mais fiável é a sua base estar no substantivo *oppidum* como origem do topónimo (nota mais possibilidades). Aceitar que Óbidos encontra a sua origem num *oppidum*, aumenta a nossa dúvida devido à inexistência de elementos que o demonstrem. Há autores que defendem a existência de vestígios materiais romanos de modo mais comum nas muralhas de Óbidos, no entanto à dúvida permanece.

No entanto consideramos a forte possibilidade de ter existido uma povoação instalada naquele local, embora não coincidente com as muralhas da época visigótica. Nos arredores do templo, que mais tarde seria convertido em Igreja Paroquial de São João do

Mocharro, ter-se-ia fixado antes da invasão muçulmana uma pequena povoação que perdurou até a reconquista cristã.

A um nível superior ao deste pré-urbano, os muçulmanos ergueram uma muralha que não ultrapassa a área que mais tarde foi a Alcáçova.

4.2.3 Óbidos no tempo da reconquista

Uma vez mais as poucas fontes, quer indícios arqueológicos quer documentos escritos coevos nos levantam dúvidas no período da reconquista.

A nossa análise será baseada no estudo de material escrito muito posterior aos acontecimentos que narram, bem como assume também grande parte de carga lendária.

Segundo as *Memórias Históricas*, é possível atribuir um carácter imutável relativamente às suas muralhas. Enquanto que em grande parte das vilas da época a população aumentava fortemente e as muralhas tinham de ser alteradas, em Óbidos essa situação não acontecia.

Deste modo entendemos, segundo os elementos disponíveis que as muralhas do séc. XII sejam as que ainda hoje é possível observar em termos de expansão. O que podemos entender da documentação disponível é a existência de um vasto espaço livre dentro das muralhas, com especial incidência na metade sul da área cercada. Os locais de habitação estariam a norte da Igreja de São Pedro.

Após a tomada de Óbidos, D. Afonso Henriques inicia um reforço defensivo da vila. Este reforço compreende o aumento de soldados e o aumento de população de modo a propiciar a produção suficiente quer de alimentos quer de serviços. Este aumento populacional fez com que as zonas que anteriormente afirmamos estarem vazias, ganhassem ocupação e consequentemente a necessidade de ampliar as muralhas. Assim de um modo controlado Óbidos foi crescendo.

É importante referir que estas construções não se

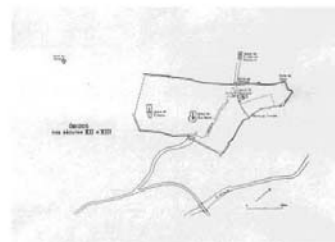


Figura 57 - Provável planta de Óbidos ao tempo da reconquista; Fonte:



Figura 58 - Igreja de São João Mocharro, primeiro templo de Óbidos; Fonte: (Maia, 2000, p. 37)



Figura 59 - Igreja de Santa Maria, templo mais importante de Óbidos; Fonte: (Maia, 2000, p. 6)

limitaram às muralhas, assistimos também à criação de paróquias. Estas assumem um papel fundamental no entendimento do crescimento da população em determinada época, quando não existe outra forma de aferir estes crescimentos populacionais.

Em 1148 apenas havia um templo cristão em Óbidos - a Igreja de São João do Mocharro situada fora de muros. Há autores que defendem a sua origem num templo romano dedicado a Júpiter.

Posteriormente assistimos à fundação daquela que vinha a ser a Igreja mais importante de Óbidos, a Igreja de Santa Maria. Esta implantada numa zona próxima à que se julga ser a original, pensa-se que se trataria de uma mesquita dos mouros sacralizada após a Reconquista.

D. Sancho I, nos anos 1186, manda erguer à entrada da Alcáçova, dentro da cerca uma nova Igreja, a Igreja de Santiago do Castelo. A existência de duas igrejas tão próximas leva-nos a concluir que a existência de habitantes em número suficiente para estas duas paróquias assim o justificariam.

Posteriormente foi ainda construído outro templo, uma zona que se julga ter sido pouco habitada, pelo menos até ao séc. XV, a Igreja de São Pedro.

4.2.4 A vila tardo-medieval

Nos finais do séc. XIII. Devido a uma reorganização do espaço urbano, começamos a assistir a um crescimento quer da vila, que ganha espaço para habitação dentro e fora das muralhas, quer de habitantes.

A orientação da rede viária altera-se com a abertura da Rua Direita, em função da qual a vila se vai estruturar. Será ao longo desta rua que assistimos a um aumento da construção cada vez mais para sul.



Figura 61 - Igreja de S. Tiago do Castelo; Fonte: (Maih, 2000, p. 24)



Figura 60 - Igreja de S. Pedro; Fonte: (Maih, 2000, p. 11)



Figura 62 - Planta de Óbidos à data do séc. XIV/XV; Fonte:

4.2.4.1 O Eixo Central

A ocupação da área à volta da Igreja de Santa Maria iniciou-se logo após a Fundação do Templo.

A esta igreja vinha a maior parte da população intra-muros. À porta dela acontecia encontros, apresentação de recém-nascidos, casamentos, ofícios fúnebres, reuniões de vizinhos para tratar assuntos da comunidade, registo escrito de contratos...



Figura 63 - Rua Direita: Fonte: desenho do autor, 2009

Na terceira década do séc. XIV, a Rua Direita é o coração de toda a vila, tendo a sua ocupação acontecido de norte para sul. Quem entrava na Rua Direita conseguia atingir todos os pontos.

No final do séc. XIV surge a necessidade de um espaço aberto, com mais largura do que as ruas existentes, com o fim de possibilitar as trocas comerciais.

Havia a possibilidade de ter esse espaço no Rossio, no lado oeste, no entanto a estrutura viária de Óbidos acentua a necessidade de criar esse espaço dentro da vila e próximo à Rua Direita. Esta praça veio surgir na continuação do adro da Igreja de Santa Maria.

4.2.5 Século XVI – As alterações Manuelinas

A fundação da vila de Caldas da Rainha nos finais do séc. XV, e o seu forte crescimento foi o factor preponderante para Óbidos não ter evoluído, assim nunca atingiu uma expansão populacional que levasse à saída dos seus habitantes para fora de muros.

A imagem da vila não sofreu alterações significativas no séc. XVI. O Arrabalde do vale mantinha grande vigor económico. O Mocharro perdia a sua dinâmica comercial, e os edifícios caíam em degradação, transformando-se em pardieiros.

As grandes alterações tiveram lugar na arquitectura, tema que não abordaremos no assunto da evolução urbana.

A antiga Rua da Judiaria e recuperada para a comunidade cristã e passa a chamar-se Rua Nova.

4.3 A percepção do conjunto

4.3.1 Plantas



Figura 64 - Planta figura - fundo com destaque do espaço construído; Fonte: desenho do autor, 2009



Figura 65 - Planta figura - fundo com destaque do espaço público; Fonte: desenho do autor, 2009

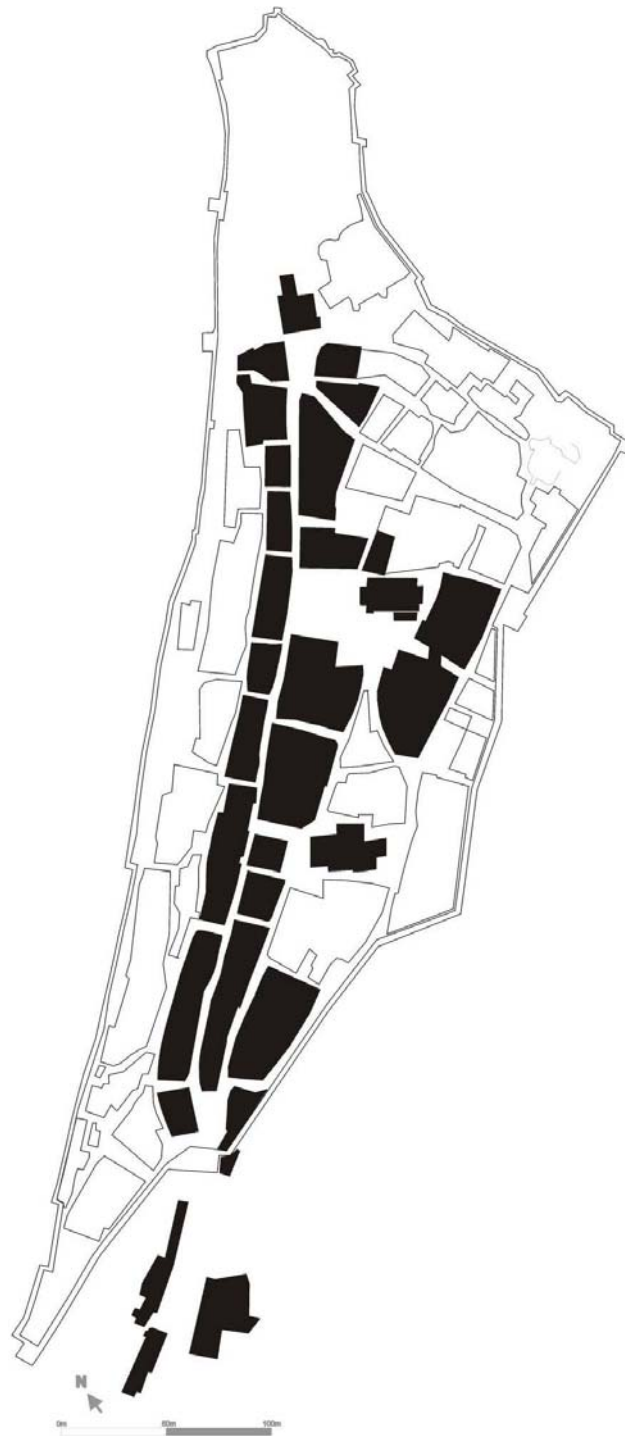


Figura 66 - Planta figura - fundo com destaque do espaço construído em relação directa com o percurso; Fonte: desenho do autor, 2009)

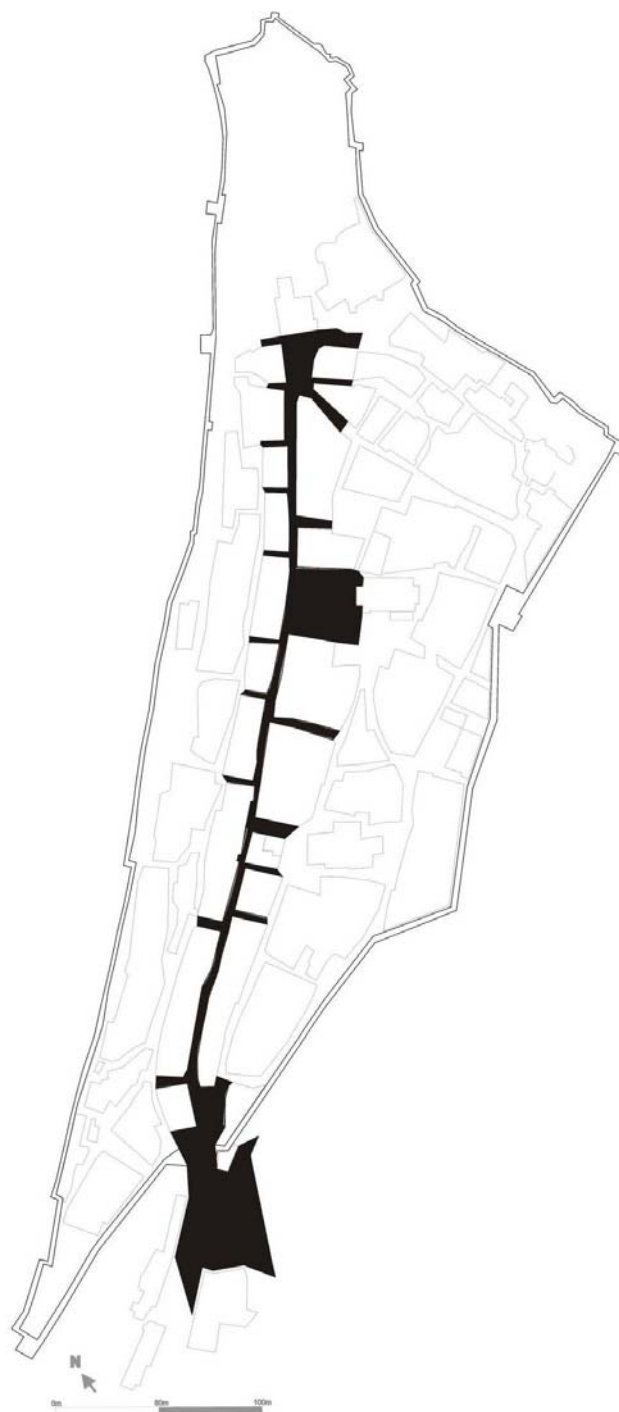


Figura 67 - Planta de figura - fundo com destaque da malha viária do percurso; Fonte: desenho do autor, 2009

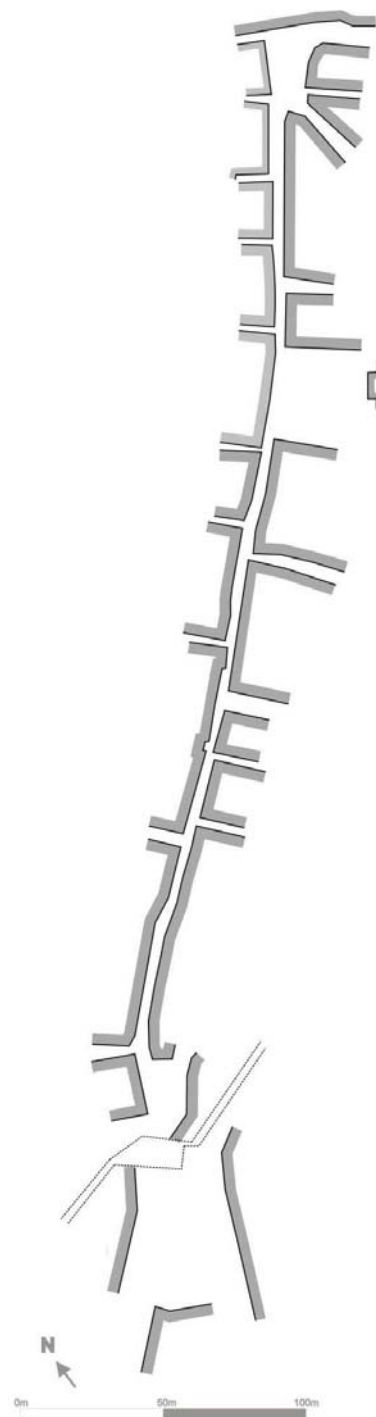


Figura 68 - Planta do percurso objecto de estudo dos elementos formais e não formais urbanos

4.3.2 Percurso



Figura 69 - [P1] Vista 1 da porta da vila; Fonte: Autor, 2009

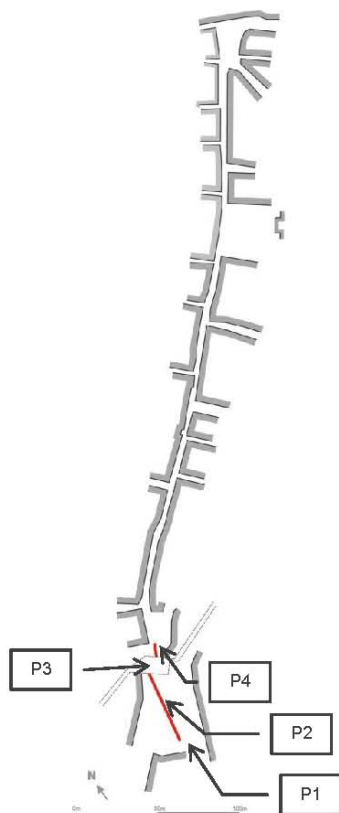


Figura 70 - Planta índice das figuras; Fonte: Autor, 2009



Figura 71 - [P2] vista 2 porta da vila; Fonte: Autor, 2009



Figura 72 - [P3] Vista do oratório; Fonte: Autor, 2009



Figura 73 - [P4] Início da Rua Direita; Fonte: Autor, 2009

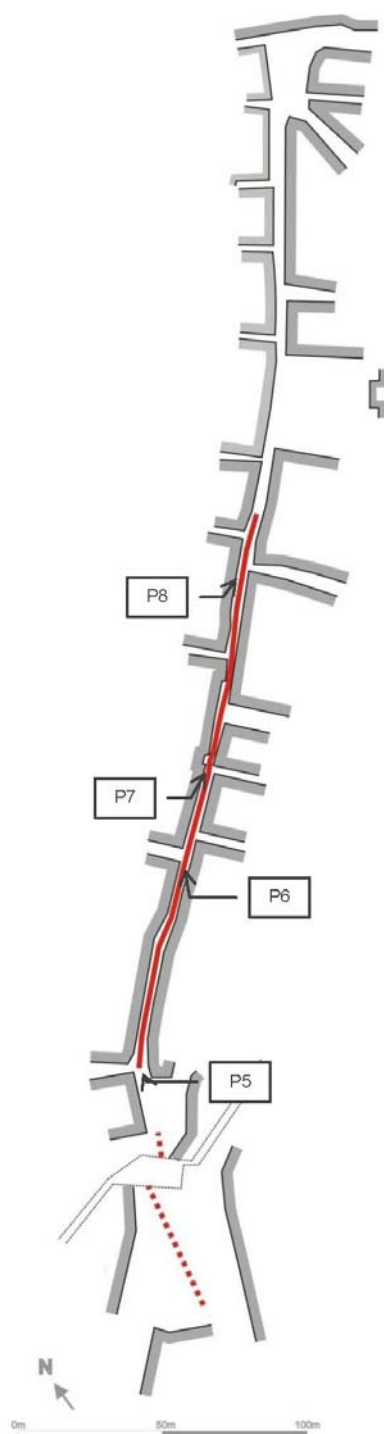


Figura 74 - Planta índice das figuras; Fonte: Autor, 2009



Figura 75 - [P5] Vista Rua Direita; Fonte: Autor, 2009



Figura 76 - [P6] Vista Rua Direita; Fonte: Autor, 2009



Figura 77 - [P7] Vista Rua direita; Fonte: Autor, 2009



Figura 78 - [P8] Vista Rua Direita; Fonte: Autor, 2009



Figura 79 - [P9] Vista da Praça de Santa Maria; Fonte: Autor, 2009

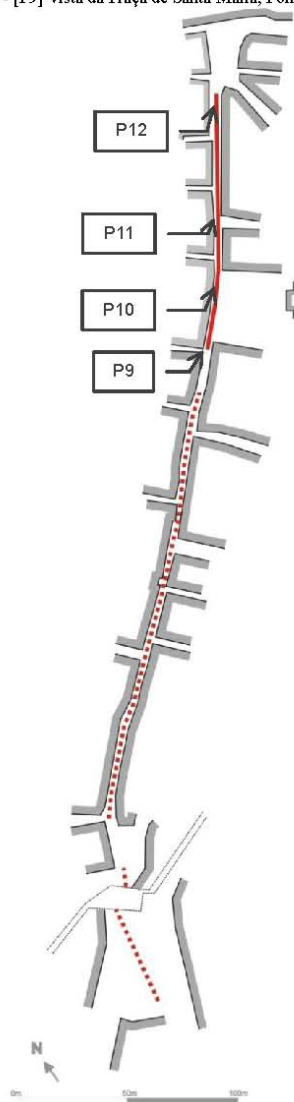


Figura 80 - Planta índice das figuras; Fonte: Autor, 2009



Figura 81 - [P10] Vista Rua Direita; Fonte: Autor, 2009



Figura 82 - [P11] Vista Rua Direita; Fonte: Autor, 2009



Figura 83 - [P12] Vista Rua Direita; Fonte: Autor, 2009



Figura 84 - [P13] Vista do largo de S. Tiago e igreja; Fonte: Autor, 2009

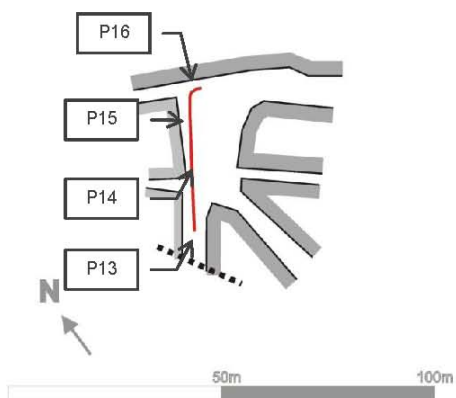


Figura 85 - Planta índice das figuras do largo de s. Tiago; Fonte: Autor, 2009



Figura 86 - [P14] Textura do pavimento do largo S. Tiago; Fonte: Autor, 2009



Figura 87 - [P15] Textura do pavimento e vista do largo de s. Tiago; Fonte: Autor, 2009



Figura 88 - [P16] Vista do largo de S. Tiago e eixo da Rua Direita; Fonte: Autor, 2009

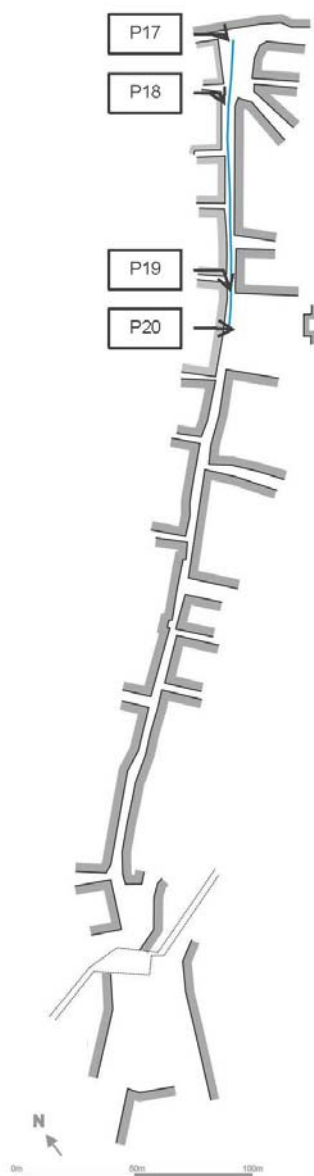


Figura 89 - Planta índice das figuras; Fonte: Autor, 2009



Figura 90 - [P17] Vista eixo Rua Direita; Fonte: Autor, 2009



Figura 91 - [P18] Vista eixo Rua Direita; Fonte: Autor, 2009



Figura 92 - [P19] Vista eixo Rua Direita (praça Sta. Maria); Fonte: Autor, 2009



Figura 93 - [P20] Vista panorâmica praça Sta. Maria; Fonte: Autor, 2009

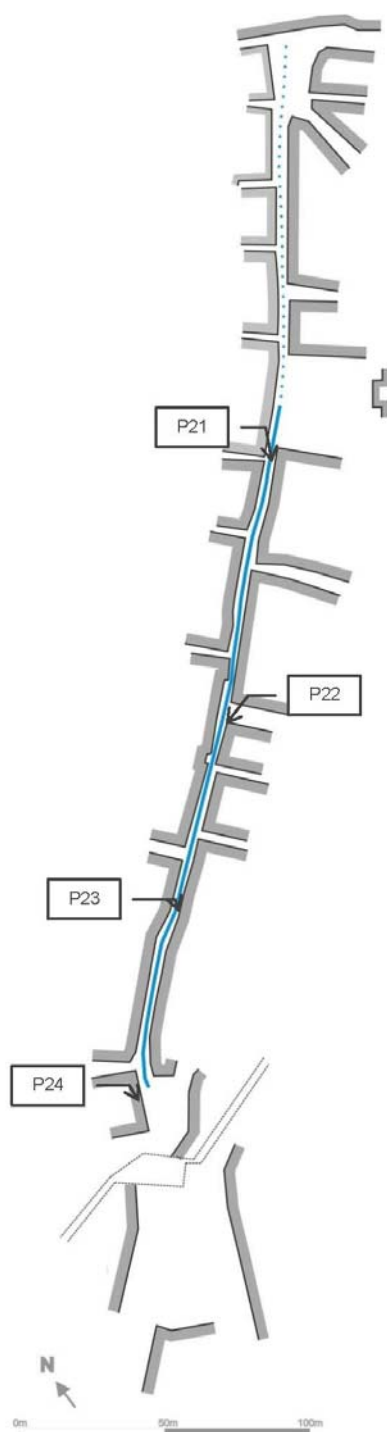


Figura 94 - Planta índice de figuras trecho praça de Santa Maria, porta da vila; Fonte: Autor, 2009



Figura 95 - [P21] Vista eixo Rua Direita; Fonte: Autor, 2009



Figura 96 - [P22] Vista eixo Rua Direita; Fonte: Autor, 2009



Figura 97 - [P23] Vista Rua Direita; Fonte: Autor, 2009



Figura 98 - [P24] Rua Direita porta da vila; Fonte: Autor, 2009

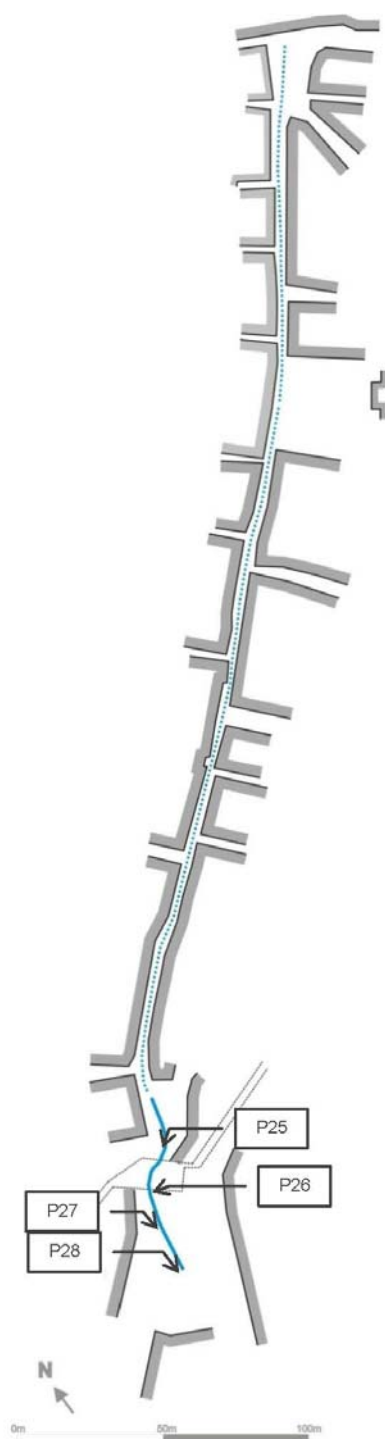


Figura 99 - Planta índice das figuras, trecho porta da vila;
Fonte: Autor, 2009



Figura 100 - [P25] Vista da porta da vila, interior; Fonte: Autor, 2009



Figura 101 - [P26] Posta da vila, sentido exterior; Fonte: Autor, 2009



Figura 102 - [P27] Vista à saída da porta da vila; Fonte : Autor, 2009



Figura 103 - [P27] Vista à saída da porta da vila; Fonte: Autor, 2009

4.3.3 Fugas

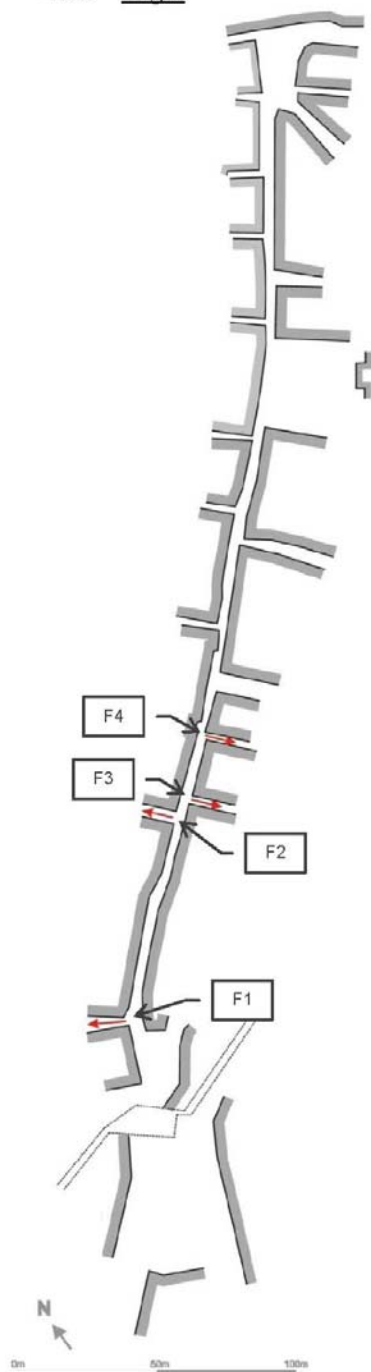


Figura 104 - Planta índice de figuras das fugas; Fonte: Autor, 2009



Figura 105 - [F1] Vista de rua perpendicular à rua direita, primeira esquerda; Fonte: Autor, 2009



Figura 106 - [F2] Vista de rua perpendicular à rua direita, segunda esquerda; Fonte: Autor, 2009



Figura 107 - [F3] Vista de rua perpendicular à rua direita, primeira direita; Fonte: Autor, 2009



Figura 108 - [F4] Vista da rua perpendicular à direita, segunda direita; Fonte: Autor, 2009

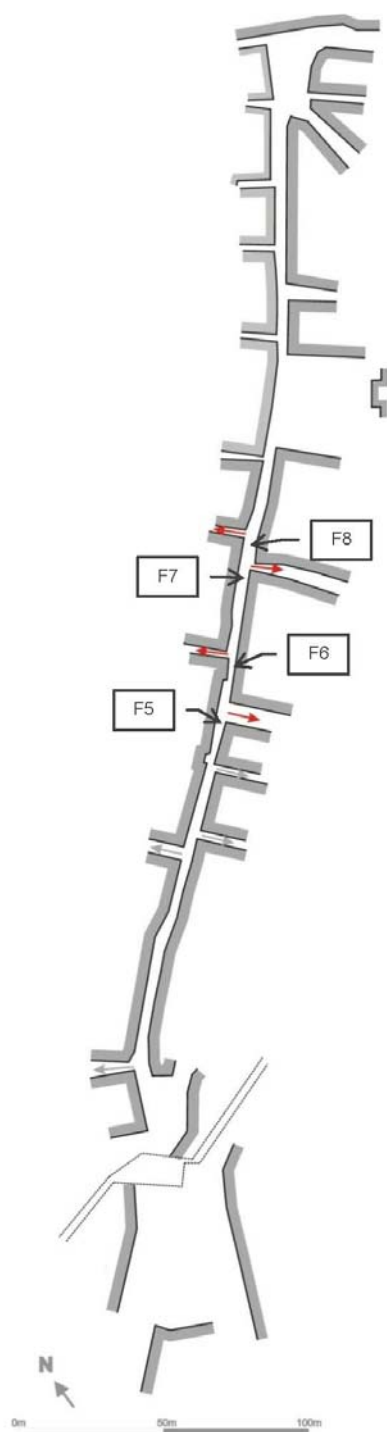


Figura 109 - Planta índice de figuras das fugas à rua direita;
Fonte: Autor, 2009



Figura 110 - [F5] Vista rua perpendicular rua direita, terceira direita;
Fonte: Autor, 2009



Figura 111 - [F6] Vista rua perpendicular à rua direita, terceira esquerda;
Fonte: Autor, 2009



Figura 112 - [F7] Vista rua perpendicular à rua direita, quarta à direita;
Fonte: Autor, 2009



Figura 113 - [F8] Vista rua direita perpendicular à rua direita, quarta à esquerda;
Fonte: Autor, 2009

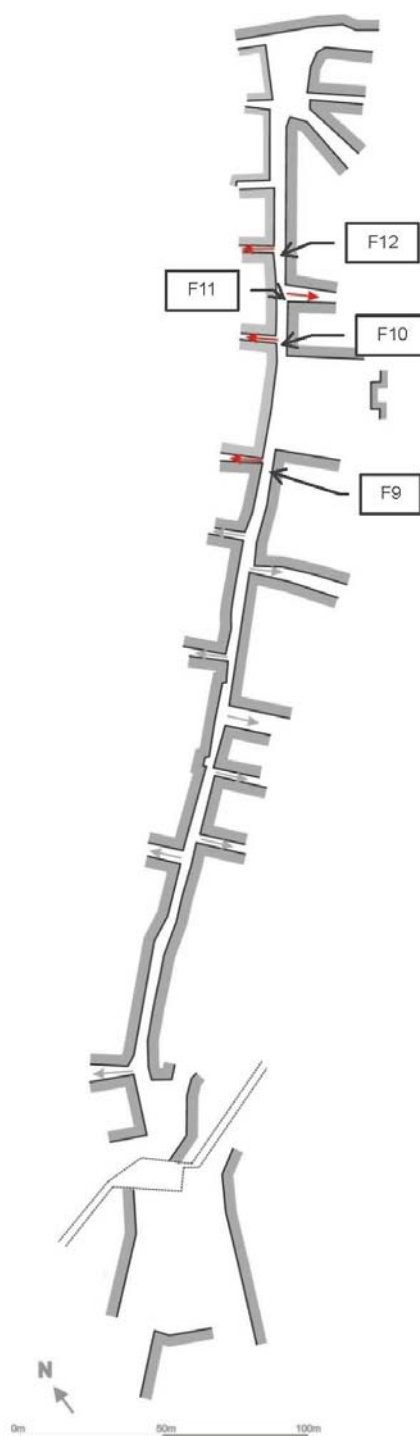


Figura 114 - Planta índice de figuras das fugas à Rua Direita;
Fonte: Autor, 2009



Figura 115 - [F9] Vista rua direita perpendicular à rua direita,
quinta à esquerda; Fonte: Autor, 2009



Figura 116 - [F10] Vista rua direita perpendicular à rua direita,
sexta à esquerda; Fonte: Autor, 2009



Figura 117 - [F11] Vista rua direita perpendicular à rua direita,
quinta à direita; Fonte: Autor, 2009



Figura 118 - [F12] Vista rua direita perpendicular à rua direita,
sétima à esquerda; Fonte: Autor, 2009

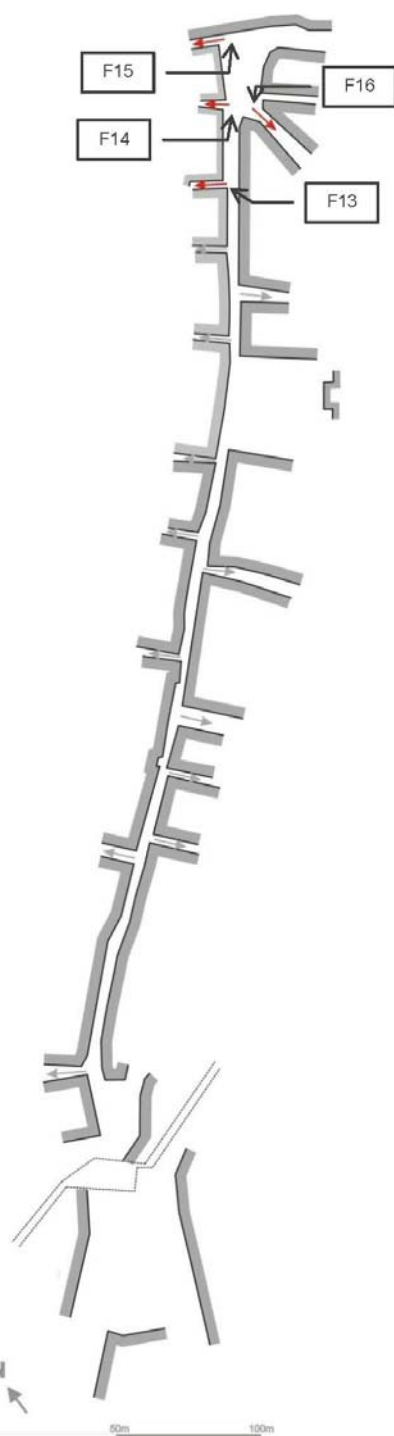


Figura 119 - Planta índice de figuras das fugas à Rua Direita;
Fonte: Autor, 2009



Figura 120 - [F13] Vista rua direita perpendicular à rua direita,
oitava à esquerda; Fonte: Autor, 2009



Figura 121 - [F14] Vista rua direita perpendicular à rua direita,
nona à esquerda; Fonte: Autor, 2009



Figura 122 - [F15] Vista rua direita perpendicular à rua direita,
décima à esquerda; Fonte: Autor, 2009



Figura 123 - [F16] Vista rua direita perpendicular à rua direita,
sexta à direita; Fonte: Autor, 2009

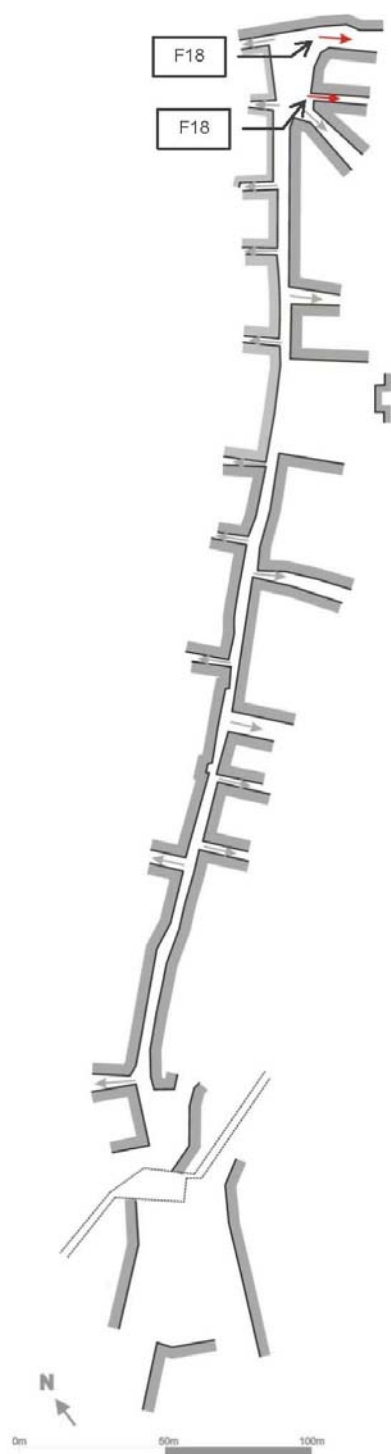


Figura 124 - Planta índice de figuras das fugas à Rua Direita;
Fonte: Autor, 2009



Figura 125 - [F17] Vista rua direita perpendicular à rua direita,
sétima à direita; Fonte: Autor, 2009



Figura 126 - [F18] Vista rua direita perpendicular à rua direita,
oitava à direita; Fonte: Autor, 2009